HISTORIA

DA

POESIA MODERNA

EM

PORTUGAL

Carta a J. M. Nogueira Lima, sobre a GRINALDA

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO:
TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA NACIONAL,
2 — Rua do Laranjal — 22

1869.

SUMMARIO:

HISTORIA
DA
POESIA MODERNA
EM PORTUGAL

CARTA A J. M. NOGUEIRA LIMA, SOBRE A GRINALDA.

§. I — Valor das collecções poeticas — O *Cancioneiro* de Dom Diniz — O *Cancioneiro* de Resende — Projecto de um *Cancioneiro* de Diogo Bernardes — A *Phenix Renascida* e o *Parnaso Lusitano* — Complemento do *Bosquejo da Historia da Poesia portugueza*, por Garrett.

Quando o Marquez de Santillana mandou ao Condestavel de Portugal o *Cancionero* ou collecção das suas obras, dirigiu-lhe uma carta, hoje celeberrima por ser uma verdadeira e rapida synthese da historia da Poesia na Peninsula, desde o seculo XII até aos principios do seculo XV; aí nos dá o velho guerreiro e trovador noticia do *Cancioneiro de el-rei Dom Diniz*, que se lembrava de ter visto na infancia em casa de sua avó Dona Mecia de Cisneros, e no qual collaboraram cento e vinte sete fidalgos portuguezes e castelhanos. A melhor parte do livro está aferrolhada a sete chaves nos desvãos da Bibliotheca do Vaticano, acobertada com os anathemas pontificios para o que ousar trazel-a á publicidade. Ali está occulto o movimento da poesia provençal, que se propagou em Portugal desde Dom Sancho I até ás imitações dos poetas castelhanos da côrte de Dom João II e Henrique IV.

Egual sorte e vergonhoso esquecimento pesaria hoje sobre os poetas da côrte de el-rei Dom Duarte, Affonso V e Dom João II, se o chronista Garcia de Resende se não lembrasse de colligir cuidadosamente as poesias, que, elle mesmo o confessa, estavam em grande parte quasi perdidas. Eraḿ imitações das coplas de Jorge Manrique, de João de Mena, amigo do Infante Dom Pedro, de Stuniga, e de Juan Rodrigues del Padron, as quaes nos revelam o estado da litteratura do seculo XV, anteriormente á influencia da *Eschola italiana*, inaugurada entre nós por Sá de Miranda. A parte lyrica do *Cancioneiro Geral* é diminuta; celebram-se as graças, os chistes, os donaires das damas, as aventuras galantes dos cavalleiros; trocam-se os motes, escolhem-se divisas para os torneios; fingem-se processos ao gosto das velhas *Côrtes de Amor,* segundo o estylo da Provença, e aí se debatem todas as subtilezas do *Cuidar e Suspirar;* seguem-se as despedidas para a guerra, os serões e momos do paço. As anecdotas detraz dos pannos de raz, as quadras anonymas e mordentes perdidas ao acaso, os preceitos para parecer bem entre os cortezãos, as queixas namoradas, as novidades mandadas para os que estão fóra da côrte, e tudo isto em toda a qualidade de verso desde a redondilha menor até ao alexandrino, em acrosticos, com aliteração, encadeando-se ao estylo do *lexapren y mansobre,* alternando-se e emparelhando-se a rima, eis o que é o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, formado quasi completamente das composições de duzentos e oitenta e seis fidalgos, que introduziram em Portugal no seculo XV a *Eschola hespanhola.* Dos poetas do *Cancioneiro* muitos formaram volumes manuscriptos, hoje totalmente perdidos; outros, só fizeram endechas caprichosas, que pouco revelam da feição individual, mas que agrupadas em collecção determinam perfeitamente o caracter de uma época.

Dos poetas da *Eschola italiana,* trazida para a Peninsula por Navagero, inaugurada em Hespanha por Boscan e Garcilasso, e em Portugal por Sá de Miranda, quiz Diogo Bernardes formar tambem um *Cancioneiro,* como elle proprio confessa na Carta XXX, do *Lima,* a Dom Gaspar de Sousa, sobrinho de Christovam de Moura:

Se vejo, como espero, responder-me
De maneira, que possa a mais quieto
Co'as Musas em ocio recolher-me :
De juntar os bons versos vos prometo,
Dos poetas insignes luzitanos,
Aprovados por Phebo em seu decreto;
Entre os quaes se verão mais soberanos
Os de outro tio vosso valeroso,
Que feneceu nos campos africanos.

Bernardes não chegou a realisar este seu intento, d'onde resultou perderem-se bastantes poesias, como as de Dom Manoel de Portugal, as de Heitor da Sylveira e as de André Falcão de Resende [1], ambos amigos de Camões, as de André de Quadros, captivo com Bernardes na jornada de Africa, as de André de Sousa Diniz, e as de Antonio de Abreu, o *Engenhoso,* tambem amigo e contemporaneo de Camões, debalde recolhidas por seu irmão Frei Bartholomeu de Santo Agostinho.

Dos poetas do seculo XVII, influenciados pelos *concetti* italiano e pela imitação directa de Gongora e Marini, se formou a collecção da *Phenix Renascida;* ali aconteceu salvarem-se poesias de Diogo Camacho, o que bastava para tornar digno o pensamento da empreza, julgada por muitos como ingloria. Estes trabalhos collectivos tem uma importancia immensa para a historia litteraria; ali apparecem todas as phases de uma época, as imitações, os logares communs, os assumptos de predilecção, o aperfeiçoamento metrico, as tentativas para largar a senda batida, e os prenuncios quasi sempre de um novo caminho a abrir.

No grande movimento das litteraturas modernas chamado *Romantismo,* a poesia lyrica recebeu um violento impulso; abriram-se outros horisontes para a alma, era preciso uma linguagem mais expansiva para a enchente dos sentimentos vagos; o lyrismo tornou-se quasi exclusivo na poetica nova; não se podia ser homem de letras e poeta sem cantar decepções, agonias, melancholias e saudades. A *Eschola romantica,* inaugurada aqui pelo mais classico e horaciano dos poetas portuguezes, por Filinto Elysio, com a traducção do *Oberon,* e desenvolvida por Garrett,

1 Começadas a publicar em Coimbra pelo snr. Doutor Ferrer.

aprecia-se melhor nos seus caracteres, que augmentam de proporção e se tornam mais evidentes nos diversos aspectos n'estes *Cancioneiros da poesia lyrica moderna portugueza,* chamados jornaes de versos. No *Trovador, Lyra da Mocidade, Miscellanea poetica, Bardo, Harpa do Mondego, Novo Trovador* e *Saudade,* se vê o desenvolvimento do lyrismo portuguez; porém nos cinco volumes da *Grinalda,* formados das estrophes de oitenta e tres poetas contemporaneos, desde as mais altas summidades litterarias, como Herculano e Soares de Passos, até ás modestas iniciaes, se póde vêr resumida a historia da poesia lyrica em Portugal desde os ultimos restos da *Arcadia,* conservados por Bingre, até á imitação das odes revolucionarias de Victor Hugo, e da alliança da poesia com a philosophia.

Tomando parcialmente um livro de cada poeta não se vê mais do que um caracter individual; a personalidade imprime-se a cada estancia; as vistas syntheticas e largas de um só, podem substituir-se pelas feições particulares de muitos. E' por isso que a vasta collecção da *Grinalda,* aonde tem collaborado, durante cinco annos, quasi toda a mocidade d'esta terra, virá a ser de futuro tão importante para a historia litteraria, como é já o *Cancionero* de Baena em Hespanha, e o *Cancioneiro* de Resende em Portugal. O primeiro numero da *Grinalda* appareceu em abril, de 1855; desde então até ao ultimo n.º do V volume, publicado em outubro de 1866, Nogueira Lima, seu proprietario (e redactor exclusivo desde o 1.º n.º do 2.º anno, publicado em 1857), tem empregado uma tenacidade constante para alcançar as melhores peças lyricas, da quasi totalidade dos poetas portuguezes, inteiramente ineditas; o gosto artistico, empregado na colleccionação, reflecte-se tambem no primor typographico que apresenta a *Grinalda.* Sacrificios de dinheiro, de trabalho, de abnegação e de boa vontade, resignação contra a indifferença publica, esforços ininterrompidos, e fé viva em que prestava um verdadeiro serviço nacional, tem sido a unica recompensa do desajudado Nogueira Lima. Paga-se hoje o *Cancioneiro* de Resende por centos de libras, e não se conhece a infinidade dos esforços empregados para completar este moderno monumento de lyrismo portuguez, que ha de ter de futuro tanta ou

mais importancia. Ao menos, paguemos-lhe com algumas palavras de verdade, vulgarisando o alcance litterario da obra.

Quando Garrett emprehendeu o *Parnaso Lusitano,* formou sobre os trechos da collecção uma synthese, a que chamou *Bosquejo da Historia da Poesia portugueza;* o quadro terminava justamente na *Arcadia,* cujos ultimos e bruxuleantes vislumbres allumiavam então Castilho. Ao terminar o esboço dizia: «A litteratura portugueza não mostra presentemente grandes symptomas de vigor; *mas ha muita força latente sob essa apparencia...»* Garrett annunciava o *Romantismo;* agora é preciso historiar a sua passagem.

Dentro dos cinco volumes da *Grinalda* estão accumulados os factos para essa historia.

§. II — Phases da poesia moderna — Restos do *sentimentalismo* do seculo XVIII na Europa — Os *Lakistas*, Novalis, Lamartine — Millevoye e Soares de Passos — O sentimento religioso e o genio melancholico.

As grandes commoções do seculo XVIII reflectiram-se sobre todas as fórmas da arte moderna; o genio da revolução acordou o *subjectivismo;* a alma humana precisava de desabafar e inventou a musica, a mais alta manifestação da harmonia em Mozart, Beethoven, Weber e Cimarosa; a poesia, pela sua parte, deixou os moldes academicos dos epithalamios, dos *bilhetes dôces,* das estrophes pindaricas, e volveu-se ao natural, deixou de ser convencional para servir de expressão espontanea. Rousseau havia pouco antes despertado o sentimento da natureza; todos queriam um pequeno alegrete, algumas flôres, uma tira azul do céo; a vida tornou-se por moda um engraçado idyllio; Florian e Gessner eram os Homeros d'esta reproducção do paiz de *Tendre,* aonde um vaso quebrado era uma ruina! Quando a poesia moderna renasceu, não pôde logo separar-se das peias melancholicas do *sentimentalismo;* teve tambem de fazer-se terna, melindrosa, doente, para ser admittida na boa sociedade. Goëthe produziu o primeiro movimento com a

paixão vaporosa de *Werther*, que se tornou contagiosa, produzindo, segundo a tradição, varios suicidios, contagio que o cortezão de Weimar teve de combater com o livro da *Mania do sentimento;* hoje, quem lê a pequena novella, assucarada e sem realidade, esquece-se da obra d'arte para analysar o documento historico. Um exagerado subjectivismo lavrava pela Europa; as novellas tornaram-se monologos apaixonados, vibrados na mesma corda plangitiva; a França dava as *Rêvêries* de Senancourt, o *Renato* de Chateaubriand, o *Adolpho* de Benjamin Constant; d'aqui para nascer a poesia lyrica moderna ía um passo. Da Inglaterra surgem logo os poetas *Lakistas*, cantando os luares, os nevoeiros, o pôr do sol, as alvoradas, todas as emoções tenues da alma, todas as melodias brandas e aérias da harpa do coração. Coleridge implantava na Inglaterra este lyrismo infantil da moderna Allemanha; Wordsworth, fazia da poesia um platonismo religioso, e animava todas as cousas com uma entidade moral, cujas revelações só eram comprehendidas pelo sentimento; Southey e Wilson, completavam a pleiada dos poetas moradores dos lagos de Westmoreland e de Cumberland, para quem a poesia era um pantheismo christão, uma somnolencia de extasis, uma bonança mystica contra as tempestades que acabavam de agitar a alma humana na grande hecatombe da edade media, realisada no seculo XVIII. Ao mesmo tempo que se passava este facto em Inglaterra, na Allemanha, Novalis tirava novos accentos d'esse sentimento vago e indeterminado da melancholia; a existencia tornava-se uma nostalgia e saudade da outra vida, uma prisão; o tumulo, os goivos, os cemiterios, a solidão, o crepusculo, os crepes, o dobre de finados, foram outras tantas estrophes d'essa doença elegiaca do coração, que atacava as almas puras e sensiveis. Os poetas tomavam a serio o pêso imaginario da *sua* angustia, declaravam ao vento as mais accidentaes alternativas do *seu* melindre, choravam sobre o *seu* passado, aspiravam o futuro, commoviam quem tinha a complacencia de ouvil-os, e por fim expiravam, como outr'ora os poetas da Persia extenuados ao pé do Kaba sagrado, morrendo de um mal desconhecido, irremediavel. Em França, Lamartine foi o corypheu d'esta seita de ingenuos, propagou

o genero *larmoyant;* escrevia para as meninas, queria apanhar as brizas azuladas que lhe fugiam, seguia com o pensamento as nuvens, emfim a inspiração lançava-lhe a alma a um estado paradisiaco. Myllevoye seguiu a mesma senda; porém, como Novalis, deixou-se levar pelo abandono da vida, pelo desgosto intimo que a foi minando, pela impossibilidade de tocar a realidade das cousas, unico remedio d'este languor. Sobre tudo, a propagação do genero melancholico na poesia moderna deve attribuir-se a Macpherson, com a invenção dos poemas de *Ossian;* a sombra dos guerreiros vagando na cerração dos promontorios, os eccos da harpa bardica perdidos dos banquetes estridentes, as lembranças das tribus extinctas, um mixto da grandeza homerica com o tom plangente do psalmo biblico e das lamentações, tornaram apetecido o genero. A poesia elegiaca apresentou uma face nova, a expressão religiosa, a imprecação crente contra a duvida e o philosophismo que assaltavam os espiritos. Em Portugal encontram-se todas as feições d'este periodo poetico; depois dos ultimos restos da *Arcadia,* conservados por Bingre, conhecido com o titulo de *Francelio Vouguense,* e por Castilho nas *Cartas de Ecco* e na *Primavera,* (imitações directas de Florian, de Gessner e de Demoustier, dentro dos limites da ficção traçados pelo *Diccionario mythologico* de Chompré,) Garrett, antes da emigração, não se pôde livrar da tutella academica, como se vê nas composições da *Lyrica de João Minimo,* das *Flôres sem fructo,* e do *Retrato de Venus.* A poesia, em Portugal, ficou esterilisada pelas imitações horacianas até ao tempo da emigração. Emquanto Garrett e Herculano comiam o pão do desterro, longe da patria, acompanharam o movimento litterario que se dava em volta d'elles no estrangeiro. Garrett, comprehendeu o que era o renascimento da nacionalidade pela litteratura, e Herculano pelas tradições e pela historia. A feição lyrica, dada então á poesia portugueza por estes dois athletas, era a que predominava na Europa; Garrett foi completamente elegiaco, e mais lyrico do que epico no poema *Camões;* invoca por sua musa a *saudade,* gosto-amargo, delicioso-pungir, visão vaporosa e sensivel como todas as entidades do seculo XVIII; no fim da vida conservou-se ainda elegiaco nas *Fo-*

lhas cahidas, o principal modêlo do nosso lyrismo. Herculano, verdadeiro poeta, apesar do que dizem os que lhe dão só o criterio historico, foi tambem sentimental, mas a rigidez e estoicismo do seu caracter, não podendo effeminar-se na *sensiblerie* lamartiniana, levaram-no para a emoção religiosa; ficou admirador de Klopstock, tomou-lhe a harpa estrepitosa e prophetica da *Semana Santa,* da *Cruz mutilada,* da *Tempestade,* e da *Arrabida;* a si mesmo se descreve no sacerdote do *Eurico,* entregue no silencio do Calpe á composição das estrophes religiosas que haviam de ser cantadas sob as abobadas da cathedral de Hispalis. A feição verdadeiramente sentimental, dolorosa, triste, nostalgica, afinada pelos *lakistas,* pela melancholia de Novalis, pelo desalento de Myllevoye, acha-se entre nós representada nos versos de Soares de Passos; traduz o poema de *Fingal* de Ossian; imita as *Balladas do Norte,* traduzidas por Xavier Marmier, exalta-se com expansão religiosa no *Firmamento,* canta a *Morte de Socrates,* segundo Lamartine, e prorompe nos gritos de desanimo e angustia nos *Anhelos* e na *Visão do Resgate.*

Esta phase poetica passou; comtudo ainda a *turba vatum* compõe no genero por anachronismo, só admissivel nos albuns de meninas.

§. III — A poesia da eschola *satanica* de Byron — Alfred Musset, Espronceda — Exageração da personalidade Henri Heine - Alvares de Azevedo e o lyrismo brasileiro — Sua influencia perniciosa.

O espirito critico dos tempos modernos deu á poesia um novo elemento — a *duvida.* O exagerado individualismo, fazendo vêr o mundo através das impressões pessoaes, deixou a alma solitaria, descontente, sem fé, absorvida do tedio, ao passo que as leis eternas do mundo e da consciencia se iam descobrindo no campo das Sciencias naturaes e da Metaphysica. O contraste produziu a inspiração caprichosa do *humorismo,* do sarcasmo e da maldição; o lado poetico da vida era a orgia; a aspiração do futuro o aniquilamento. Tal é a eschola *satanica,* da qual Byron é

o deos. O genio de Byron tem sido explicado como uma manifestação do veio saxonio na litteratura ingleza; é tambem scandinavo no impulso aventuroso que o leva pelo mundo, que o põe em lucta com a sociedade inteira; tem a impassibilidade do pirata dinamarquez, e a altivez de um lord descendente da raça normanda. No meio do egoismo inglez, da occupação da industria, das operações bancarias, Byron sobe mais alto pelo seu egoismo, desafia as tempestades, e divaga pelo mundo como um Prometheu desencadeado; sente-se levado pela amargura de *Hamlet* e pelo instincto de revolta do *Satan* de Milton. Impõe a individualidade como o supremo vulto poetico dos seus cantos. *Childe Harold* é o lord na viagem pela Hespanha, Italia e pela Grecia; *Dom Juan, Manfredo,* o *Corsario,* e *Lara* são as feições do mesmo typo; a cada passo sente-se pequeno diante do espectaculo da natureza, conhece o vacuo da vida em roda de si, e crê condemnados á estabillidade uma intelligencia capaz de abranger o infinito, e um coração puro como de um brahmane, prompto para acolher o universo. O abutre da sua imaginação devora-o, como ao acorrentado dos fraguedos caucasicos; foge de si mesmo e encontra sempre a imagem da ironia quando interroga o espaço; tem o atheismo na cabeça e a aspiração religiosa no intimo, e d'este antagonismo lhe nascem os cantos do desespero. Para elle o canto é estertor, a luz é sinistra, a terra acanhada, e a esperança um pesar, um desconsolo, uma duvida expressa pela palavra *Farewell!* O estado psychico, revelado na eschola *satanica,* propagou-se por toda a Europa; na Allemanha, João Paulo Richter introduziu na abstracção philosophica esse elemento individual e caprichoso do *humorismo;* as fórmas logicas submettiam-se ás impressões de momento, a um certo modo de vêr. Henri Heine, caracterisa melhor a influencia byroniana; dotado de genio descriptivo, a fidelidade com que copía o natural é-lhe alterada pela travessura que o obriga a escarnecer de tudo; dá ás cousas proporções grotescas depois de mostrar que as sabe vêr bem; fez a alliança entre a poesia lyrica com a graça espirituosa; ala-se na mais ardente inspiração e de repente mostra-se mofador, sarcastico, e recama tudo de uma irrisão insultuosa. A sua musa

parece uma egypan que desvaira em uma campina attica, fazendo esgares ao som da frauta harmoniosa; as mudanças intempestivas, o vèr o mundo através de um prisma tenebroso, deixam uma perturbação na alma de quem lê. Em França, a mesma eschola foi implantada por Alfred de Musset; poeta aristocrata, tira a inspiração do absyntho; a sua época fêl-o assim; apparecendo na Restauração, em um tempo em que se condemnava a mocidade vigorosa, tão bem aproveitada por Napoleão, a ceder a actividade diante dos velhos caducos que retomavam o seu posto com a volta da Monarchia, Alfred Musset entregou-se, como toda a mocidade do tempo, a uma vida ociosa e dissipada. Cantou para os amigos a estrophe da desenvoltura, o beijo do lupanar, o brinde lascivo, a aventura do balcão e da escada de sêda, a carta almiscarada e o duello entre risos e dansas. Tambem o genio byronico se alonga até Hespanha, e encontra lá uma alma oppressa, a quem ensina o canto da indignação. E' Espronceda; no meio das revoltas politicas, que arruinavam a sua patria, pobre e indigente, de terra em terra, vendo em volta de si um futuro negro, sente-se arrojado ao infimo das camadas sociaes; é de lá que levanta o grito em que canta a vida do *Pirata,* do *Mendigo,* do *Carrasco* e do *Diablo-Mundo.*

Em Portugal, paiz essencialmente catholico, a eschola *satanica* não teve adeptos; a melancholia lamartiniana pendeu mais para o hymno religioso do que para a imprecação da duvida e do desespero. Só tarde, e quasi fóra de tempo, é que Anthero do Quental lançou a publico o livro das *Odes Modernas,* byroniano na fórma audaciosa, cheio de ironias, pelo diapasão de Heine e Musset, mas alto e fervente pelos sentimentos da verdade e do bem que o ditaram. Falou-se do livro como quem o não percebeu; d'onde se vê que este genero repugnou sempre ao gosto idyllico e florianesco que predomina entre nós, e que tanto explorou Castilho, com o *Amor e Melancholia.* Observando a poesia lyrica do Brasil, encontra-se uma unica feição, a constante imitação de Byron, de Musset e Espronceda. A mocidade brasileira, desde que os livros d'esse rapaz de genio, Alvares de Azevedo, morto em eda-

de prematura, fizeram a apotheose da devassidão, da descrença, do desprendimento da vida, do tedio e cansaço da realidade, em estrophes repassadas de uma seductora melodia, de um timbre ingenuo e quasi selvagem para não dizer virginal, lançou-se sobre a mesma senda e ainda se não afastou um ápice d'ella. Junqueira Freire, amarrado á mudez do claustro por um voto inconsiderado, alía o enthusiasmo da crença com o desespêro; os seus cantos parece que prorompem do fundo do lagedo do sepulchro; a sua fé tem intermittencias de réprobo; óra e de repente amaldiçôa. A mocidade brasileira não se afasta d'estes modêlos perigosos, cuja influencia tem sido funesta, dando-lhe uma velhice precóce, e arrebatando na flôr da edade verdadeiros talentos sacrificados estonteadamente á mania de querer passar por victimas. O lyrismo byroniano desappareceu com as circumstancias que o propagaram na Europa; o poeta é o que primeiro se sente impressionado com as evoluções de um seculo, por isso convém deixar essa imitação forçada e artificial, e volver olhos para o estudo das ricas tradições nacionaes, admiravelmente aceitas pelo renascimento do genio da historia.

§. IV — O sentimento popular — Uhland, Burger, Lokart, Percy — Renascinento do genio nacional por Garrett e Herculano — Os solaos e as xacaras — A edade media theatral e melodramatica — Criterio historico da poesia popular.

Nas modernas revoluções da Europa, a poesia revelou-se como um auxiliar poderoso da liberdade; a *Marseillaise* de Rouget de L'Isle levava as multidões; os cantos de Miçkiewick e do Poeta Anonymo da Polonia, revolucionavam os estudantes da Lithuania contra a prepotencia russa; os hymnos de Alexandre Pœtefi ajudavam á causa da liberdade na Hungria; o hymno da *Maria da Fonte* fazia uma revolução em Portugal. Conheceu-se, por toda a parte, que o povo tinha tambem uma poesia, que a magia do verso não deixava de lisongear-lhe o ouvido. Esta mesma descoberta foi auxiliada pelos trabalhos da critica e da philologia

sobre as obscuridades da edade media; os poetas volveram-se para o estudo das tradições populares conservadas intactas apesar do decorrer de seculos. Jacob Grimm percorre a Allemanha, e no decurso de dez annos recolhe a rica e extensa mina das tradições dos povos do Norte; o que elle fazia como erudito, para esclarecer os problemas da historia e da linguistica, os poetas tentaram-no como artistas, fazendo reconstrucções perfeitas para serem recebidas pelos academicos superciliosos. Ulhand, na Allemanha, foi o poeta que mais trabalhou para a comprehensão do sentimento da alma popular; chamavam-lhe por isso o ultimo trovador; a sua imaginação de fada povoava de novo os castellos em ruinas, recompunha sobre as tradições locaes as lendas dos solares extinctos; é um propheta do passado, que prégou o amor da edade media. Nas suas balladas, as donzellas têm o mesmo respeito que lhes davam nas *Côrtes de Amor;* ainda os peregrinos chegam desconhecidos da Terra Santa, e cantam ao sopé dos castellos o lai plangitivo do ausente; o cavalleiro errante é ainda impellido pelo sentimento do amor e da justiça; a cathedral gothica ainda tem o sino que toca á revolta, ainda lá dentro nascem os amores puros e immaculados dos petrarchistas. Emfim, o canto da vida que passou, torna-se no seu plectro uma expressão da liberdade moderna. A este mesmo tempo, Jacob Grimm recolhia os mais antigos romances hespanhoes na sua *Silva.* Na Inglaterra, Lockart, guiado por Walter Scott, traduzia admiravelmente os romances hespanhoes, e o Bispo Percy recolhia as velhas reliquias dos cantos populares dos diversos condados de Inglaterra; formavam-se sob os seus auspicios sociedades de collectores para recolherem as rhapsodias perdidas, e recompôr o poema da nacionalidade. Ainda não predominava o trabalho de erudição: era mais uma curiosidade, que tinha de se fazer valer á custa do aperfeiçoamento que lhe davam. Manchavam assim a pureza nativa que tem a expressão do povo; tiravam-lhe os traços rapidos e incisivos, semi-dantescos que elle tem quando narra; recortavam, como a um buxo de jardim, a planta do matto, aspera, selvagem, de um verde carregado, mas rescendente e vigorosa. O estudo da tradição levou a encontrar as origens da *Divina Co-*

media nas tradições populares do *Evangelho de Nicomedus* e do *Purgatorio de Sam Patricio;* este estudo do genio popular coincide com o movimento constitucional da moderna Europa. Quando Garrett veiu para Portugal, encetou a colheita dos romances do nosso povo. Começou por aperfeiçoal-os e reconstruil-os ao gosto de Uhland e do Bispo Percy; emprehendeu uma collecção em que misturava composições suas, como a *Adozinda* e *Miragaya,* com as sublimes rhapsodias achadas nas lareiras da provincia. Dezeseis romances foi o maximo da sua colheita no mundo da imaginação portugueza; alterou-lhe a verdade para apurar a linguagem e esclarecer a peripecia dramatica; e ainda assim, valeu-se dos cadernos de alguns estrangeiros curiosos que haviam começado a respigar n'este campo. Se o trabalho de Garrett era importante, os resultados foram perniciosos; a geração moderna, preparada por elle, formou logo uma edade media de cartão, falsa, recortada, sem realidade, que se acha plenamente desenhada em todos os seus emplastos nos *Dois Renegados;* a poesia lyrica esgotou-se quasi exclusivamente em *solaos* e *xacaras,* sem imaginação, sem intuição do genio do povo, sem conhecimento do espirito mediévico, sem lances originaes, sem graça, sem poesia. Herculano obedeceu a este impulso traduzindo a balada do *Caçador feroz* de Bürger; Castilho fez o *Acalentar da Neta* em verso chuleiro; José Freire de Serpa attribuia a si a renascença do soláo, genero que apenas conhecia pela rapida allusão da *Menina e Moça;* João de Lemos, Xavier Cordeiro, Palmeirim, emfim a chamada *geração nova* em pêso só cantava pagens, alaúdes, castellos, trovadores, ameias, perjurios de donzellas, espetros exigindo as promessas mentidas, juras ao luar, toques de campanario, emparedadas, castellãos, prestameiros, pannos de raz, espaldares; todo o guarda roupa das Cruzadas foi metido em rima, em verso de redondilha, perigoso pela sua facilidade; nas modinhas de sala recitava-se ao piano só xacaras de mouros traídos; as meninas cantavam em familia os amores dos peregrinos da terra santa, no theatro não era de gosto o drama de alto cothurno que, ao levantar o panno, não começasse com uma toada plangente e compassada de um soláo de amores, pelo mól-

de inaugurado no *Alfageme*. Garrett ria-se de todos elles, e maldizia a vergonhosa interpretação do seu impulso. A moda passou, como passa tudo o que se macaqueia sem se comprehender. O estudo da poesia popular tomou na Europa uma nova face; descobriu-se que junto com a poesia do povo andavam de envolta os problemas da historia, a formação das linguas romanas, a fusão das nacionalidades, o genio das raças, os factos psychologicos da concepção, as crenças religiosas, o symbolismo juridico; a poesia do povo era um grito que denunciava uma alma. As descobertas das epopeas francezas do seculo XII, fonte das tradições da Europa, espalharam uma luz sobre a poesia do povos modernos. Desde então os cantos populares foram respeitosamente colhidos; depois de dez annos de trabalho, Jacob Grimm dizia, que nunca encontrara uma unica mentira na poesia do povo. Seguindo este criterio, viemos a achar que a formação dos Romanceiro da Peninsula pertence unica e exclusivamente ao genio da raça *mosarabe*, esse baixo povo que formou as cartas de *Foral*, codigos da revolta, que elles proclamaram constantemente nos seus cantos.

§. V — A Poesia da Historia — O pantheismo de Spinosa inspira o lyrismo de Goethe. Os cyclos poeticos da historia — Lenau e Œlenscklager. — Tennysson e Victor Hugo — Immobilidade da poesia lyrica em Portugal — Necessidade de introduzir o novo elemento historico.

Um dos factos que mais assignala o seculo XIX é o estudo da Historia; para ella confluem todos os trabalhos, como para a corrente caudal que absorve em si todas as vertentes. As indagações parciaes da archeologia, da linguistica, tudo ajuda a comprehender o passado, em que é preciso a intuição de vidente para saber discriminar os vultos esfumados na penumbra do tempo. D'esta direcção nasceu um novo modo de escrever a historia: a fórma *pittoresca*. Agustin Thierry descreve a conquista dos Normandos com uma grandeza e traços verdadeiramente homericos; Michelet faz a historia de França espalhando, a cada

pagina, movimento, vida e colorido. Por outro lado, a renovação philosophica, partindo do impulso dado no seculo XVII por Spinosa, infunde na alma um pantheismo grandioso, em que o homem tem vergonha de deixar de pé a sua personalidade. Como poderá sem a personalidade existir o lyrismo subjectivo? Goëthe dizia, que a uma leitura rapida e imperfeita comprehensão da philosophia de Spinosa devia o pantheismo de todos os seus versos; o lyrismo no Jupiter de Weimar é a *Noiva de Coryntho,* uma fórmula historica, o paganismo em frente do christianismo; é o *Pescador,* a fascinação da natureza. No *Fausto* está resumida a synthese da alma humana, no processo incessante para descobrir a verdade. Com que symbolo perfeito está representada a *Renascença* pagã do seculo XVI no apparecimento luminoso e esplendido de Helena, a formosura attica, no gabinete do velho sabio! o pensamento é de Marlow, mas a idéa philosophica é tudo. A Goëthe pertence o grande progresso de ter libertado o poeta de thuribulario das velhas Academias, que só servia para fazer versos de annos, elogios de enterro, e pedir esmola em estrophes carpidas; foi elle o primeiro que mostrou ser o poeta o que mais sente, o que resume em si a alma da humanidade, aquelle que tem na sua bocca palavras de elevação, e que póde condemnar de um modo irremissivel ao eterno opprobrio. O lyrismo subjectivo foi decahindo por si mesmo; os espiritos mediocres, que seguiam a senda commum, não saíam de um vocabulario feito, de um certo numero de imagens de convenção, de rimas conhecidas; assim, provocaram o fastio e tedio que fez olhar, durante muito tempo, a poesia como uma frivolidade. Em Portugal, reinou esta phase lyrica extemporanea; andam todos os jornaes e collecções recheadas de cantos sentimentaes, vazios de sentido, copiados de uns para outros, moldados em um mesmo typo; são tudo: *Saudades,* a *Minha estrella,* o *Destino,* o *Crepusculo, Flor do ermo, Primaveras,* titulos repetidos desde o primeiro até ao ultimo versejador; a totalidade d'estes poetastros, uns arvorados em corypheus, não tendo de pensar para escrever, entregam-se á imitação de Musset, de Lamartine, de Victor Hugo, de Espronceda, e não se afastam do que está mil vezes repetido. Com esta termi-

nologia apanhada de orelha, pondo datas mais antigas do que as d'aquillo que imitam, chegam a lisonjear o proprio ouvido e a persuadirem-se de que são poetas.

Da eschola *pittoresca* da Historia nasceu a tendencia historica da poesia; porque não havia esta fada encantadora animar o passado, dar vida, servir a sciencia nova? Na Allemanha Lenau, e na Dinamarca Œhlenschläger investigam os periodos historicos, e dão conta dos resultados na estrophe énea dos seus poemas. O que Victor Hugo tentou em França com a *Lenda dos Seculos*, já em Inglaterra Tennysson emprehendera. Os seus poemas apresentam os diversos cyclos, na difficil aliança da poesia e da philosophia: é esta a tendencia da arte moderna, que se vae notando tambem na pintura e na musica. Quando em Portugal appareceram os primeiros ensaios da poesia historica, estavam desprevenidos, receberam-nos com simplicidade, acolheram-nos como um impulso dado para tirar a poesia da immobilidade do lyrismo pessoal. Que importa que as mediocridades grunhissem depois vendo-se perturbadas na sua pósse immemorial? O facto consummou-se, *ala jacta est* (1).

---

(1) Podem vêr-se os seguintes trabalhos sobre Historia da Poesia, pelo mesmo auctor:

1 *Generalisação da Historia da Poesia* (VISÃO DOS TEMPOS.)
2 *Evolução das Fórmas d'Arte* (TEMPESTADES SONORAS.)
3 *Poesia da Historia nos Cyclos cavalheirescas* (ONDINA.)
4 *As lendas de Virgilio na Edade Media* (REV. DE COIMB.)
5 *Virgilio e a Renascença* (INSTITUTO.)
6 *A lenda de Fausto na Poesia Portugueza* (REV CONT.)
7 *Poesia da Navegação portugueza* (REVISTA CONTEMP.)
8 *Poesia mystica portugueza* (REVISTA CONTEMPORANEA.)
9 *Poesia mystica na Italia e na Hespanha* (INSTITUTO.)
10 *Sobre o genero heroi-comico, em Portugal* (FOLHAS VERDES, 2.ª edição.)

COLLABORADORES DA «GRINALDA»

(Nota a p. 6.)

Primeiro anno:

Adolpho F. Loureiro, Alexandre Braga, Alfredo de Carvalho, Antonio Correia F. S. e Carvalho, D. Antonio da Costa S. de Macedo, D. Antonia Gertrudes Pusich, A. Moraes da Silva, A. Luso da Silva, A. X. Rodrigues Cordeiro, A. A. Soares de Passos, Carlos de Oliveira, C, F. Xavier de Novaes, F. Castiço, F. Gomes d'Amorim, Guilhermino A. de Barros, Henrique Augusto, J. Luiz Vieira de Sá, J. M. Barbosa Carneiro, J. M. Nogueira Lima, J. S. da Silva Ferraz, D. Maria do Patrocinio de Sousa, D. Maria Peregrina de Sousa, S, etc.

Segundo anno:

Adolpho F. Loureiro, Alexandre Braga, Antonio Corrêa F. S. e Carvalho, A. A. Soares de Passos, Cherubino Lagoa, F. Xavier de Novaes, Fernando Castiço, Frederico de Pinho e Campos, Guilhermino A. de Barros, Henrique Augusto, D. Hortencia Paulina de Lima Barbosa, J. J. d'Almeida Braga, J. Candido Furtado, J. M. Barbosa Carneiro, J. M. Nogueira Lima, J. P. Ribeiro Junior, J. S. da Silva Ferraz, D. Maria Isabel, D. Maria do Patrocinio de Sousa, D. Maria Peregrina de Sousa, M. A, N, etc.

Terceiro anno:

Adolpho F. Loureiro, Alexandre Braga, Alexandre da Conceição, A. Coelho Louzada, A. A. Soares de Passos, A. R. de Sousa e Silva, B. G. A, C. José Duarte, D. C. Maxima, C. M, Delfim Maria d'Almeida, E. Pinto d'Almeida, E. A. Salgado, Francisco Joaquim Bingre, F.

de Castro Gomes Monteiro, Gil d'Aviozo, Guilherme Braga, Henrique Augusto, D. Hortencia Paulina de Lima Barbosa, José Henriques da Cruz Lima, Julio Diniz, J. Candido Furtado, J. M. Barbosa Carneiro, J. M. Nogueira Lima, Leonel do Sampaio, D. Maria Isabel, D. Maria Peregrina de Sousa, N, Uma Portuense, etc.

Quarto anno:

Alexandre Braga, Alexandre da Conceição, Alfredo de Carvalho, Antonio Coelho Louzada, Antonio de Azevedo Castello Branco, Anthero de Quental, A. A. Soares de Passos, A. M, A. R. de Sousa e Silva, Cherubino Henriques Lagoa, C. José Duarte, D. C. Maxima, Delfim Maria d'Almeida, Ernesto Cibrão, E. Pinto d'Almeida, Evaristo Pinto, E. A. Salgado, Francisco Joaquim Bingre, Gil d'Aviozo, Guilherme Braga, Henrique Marinho, D. Hortencia Paulina de Lima Barbosa, José Henriques da Cruz Lima, Julio Diniz, J. A. da Costa Fontellas, J. Candido Furtado, J. M. Barbosa Carneiro, J. M. Nogueira Lima, Leonel de Sampaio, M. D, Manoel Rodrigues da Silva e Abreu, D. Maria do Patrocinio de Sousa, S. V, Uma Portuense.

Quinto anno:

Alexandre Herculano, Alexandre da Conceição, Alfredo de Carvalho, Augusto Luzo da Silva, A. A. Soares de Passos, A. E, A. F. Marques, A. R. de Sousa e Silva, D. Branca de Carvalho, Cypriano Jardim, D. Clorinda M, D. C. Maxima, Delfim Maria d'Almeida, Ernesto Pinto d'Almeida, E. A. Salgado, E. d'Andrade, Faustino Xavier de Novaes, Francisco Joaquim Bingre, Francisco M. de Sousa Viterbo, Guilherme Braga, Henrique Augusto, Henrique Ernesto d'Almeida Coutinho, D. Hortencia Paulina de Lima Barbosa, Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento, José Dias d'Oliveira, José Henriques da Cruz Lima, Julio Diniz, J. A. da Costa Fontellas, J. M. Barbosa Carneiro, J. M. Nogueira Lima, Leonel de Sampaio, D. Maria Isabel, D. Maria Peregrina de Sousa, M. A. Pereira Barbosa, D. Olympia, Pedro Augusto de Lima, S. V, Theophilo Braga, Uma Portuense.